

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA
PROCESSO SELETIVO / 2023
PROVA ESPECÍFICA

O candidato deverá escolher uma das questões propostas, que contemplam as quatro linhas de pesquisa do Programa.

Questão 1: Linha de pesquisa "A poesia no Brasil"

Nos poemas abaixo, os respectivos eus líricos de Tomás Antônio Gonzaga e de Álvares de Azevedo discutem seus princípios poéticos, sua concepção amorosa e, no caso do primeiro deles, seus valores morais enquanto dialogam com suas musas. Discorra sobre os aspectos temáticos e formais desses dois textos líricos, considerando seus diferentes sujeitos enunciadore, suas personagens e os modos distintos de construção dos poemas, bem como o vínculo desses fatores com os movimentos artísticos a que se filiam.

PARTE I

Lira I

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado,
De tosco trato, d'expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal, e nele assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Eu vi o meu semblante numa fonte:
Dos anos inda não está cortado:
Os Pastores, que habitam este monte,
Respeitam o poder do meu cajado.
Com tal destreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o próprio Alceste:
Ao som dela concerto a voz celeste
Nem canto letra, que não seja minha,
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Mas tenho tantos dotes da ventura,
Só apreço lhes dou, gentil Pastora,
Depois que teu afeto me segura
Que queres do que tenho ser Senhora.
É bom, minha Marília, é bom ser dono
De um rebanho, que cubra monte, e prado;
Porém, gentil Pastora, o teu agrado
Vale mais qu'um rebanho, e mais q'um trono.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Os teus olhos espalham luz divina,
A quem a luz do Sol em vão se atreve:
Papoila, ou rosa delicada, e fina,
Te cobre as faces, que são cor de neve.
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;
Teu lindo corpo bálsamos vapora.
Ah! não, não fez o Céu, gentil Pastora,
Para glória de Amor igual Tesouro.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Leve-me a sementeira muito embora
O rio sobre os campos levantado;
Acabe, acabe a peste matadora,
Sem deixar uma rês, o nédio gado.
Já destes bens, Marília, não preciso:
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta;
Para viver feliz, Marília, basta
Que os olhos movas, e me dês um riso.

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Irás a divertir-te na floresta,
Sustentada, Marília, no meu braço;
Aqui descansarei a quente sesta,
Dormindo um leve sono em teu regaço;
Enquanto a luta jogam os Pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teus cabelos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus louvores.

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Depois de nos ferir a mão da morte,
Ou seja neste monte, ou noutra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dois a mesma terra.
Na campa, rodeada de ciprestes,
Lerão estas palavras os Pastores:
"Quem quiser ser feliz nos seus amores,
Siga os exemplos, que nos deram estes."

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu*. Org. Joaquim Norberto de Souza S. Rio de Janeiro, Garnier, 1862.

Soneto

Pálida à luz da lâmpada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar, na espuma fria
Pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bela! o seio palpitando...
Negros olhos as pálpebras abrindo...
Formas nuas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti – as noites eu velei chorando,
Por ti – nos sonhos morrerei sorrindo!

AZEVEDO, Álvares. *Lira dos vinte anos*. Org. Péricles Eugênio da Silva Ramos. Campinas, Editora da Unicamp, 2002.

Questão 2: Linha de pesquisa "A prosa no Brasil"

Leia o seguinte trecho do romance *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector:

“ – Sim, eu sei, continuava Joana. A distância que separa os sentimentos das palavras. Já pensei nisso. E o mais curioso é que no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo. Ou pelo menos o que me faz agir não é, seguramente, o que eu sinto mas o que eu digo.”

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p.101.

Atente para as expressões “o que sinto” e “o que eu digo”, presentes nesse trecho.

Considere o seguinte fragmento de um estudo de Benedito Nunes:

“Três são os aspectos fundamentais que se conjugam em *Perto do Coração Selvagem*: o aprofundamento introspectivo, a alternância temporal dos episódios e o caráter inacabado da narrativa.”

NUNES, Benedito. A narrativa monocêntrica. In: _____. *O drama da linguagem. Uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1989, p. 19.

Apresente uma reflexão sobre o romance *Perto do coração selvagem*, explicando pelo menos dois entre os três aspectos destacados por Benedito Nunes no fragmento acima. Inclua em sua reflexão observações a respeito de relações entre as expressões “o que sinto” e “o que eu digo”, presentes no trecho citado.

Questão 3: Linha de pesquisa “Historiografia e crítica literárias”

Em textos publicados num intervalo de apenas um ano, Eugênio Gomes e Antonio Candido abordam o romance *Lucíola* (1862), de José de Alencar, levando em conta o modo de o autor caracterizar as suas personagens. Sobre esse aspecto eles afirmam:

“Sentem-se, aliás, em José de Alencar, certas resistências na fixação de qualquer elemento subjetivo ou psicológico e, ordinariamente, as suas representações desse caráter são incompletas ou simplesmente não convencem [...]. É uma pintura inteiramente convencional, em que o elemento psicológico reduz-se a um absurdo anatômico, sem que e o símile seja realmente apreciável. [...] Era de fato ingênuo o psicologismo romântico devido à tendência fatal às representações exteriores de plano ou superfície. O romancista só fixava a personalidade de maneira linear [...]”

GOMES, Eugênio. *Aspectos do romance brasileiro* [1958], págs. 47-48.

“Em *Lucíola*, a situação é mais complexa, superando este jogo fácil de cordéis. A pureza da infância; o sacrifício da honra à saúde do pai; a brutalidade fria com que é violada, condicionam toda a vida de Lúcia. [...] Este processo psíquico, admiravelmente tocado por Alencar no mais profundo de seus livros, reduz-se - em termos da presente análise - a uma dialética do passado e do presente. [...] Essa presença do passado, na interpretação da conduta e na técnica narrativa, representa de certo modo, no romance de José de Alencar, a lei dos acontecimentos, a causação dos atos e das peripécias”.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira* [1959], tomo II, págs. 229-230).

Tendo em vista essa discussão e o diálogo abaixo entre Paulo e Lúcia (capítulo IV), desenvolva uma reflexão sobre as concepções antitéticas de construção do romance *Lucíola*, sobre a singularidade dessa obra no interior da produção do autor e de seu tempo artístico.

“ – Tanto como na Glória. Ainda que se tivessem passado anos, creio que em qualquer parte onde me encontrasse com o senhor, o reconheceria.

– Por que motivo então fingiu ontem não se lembrar de mim, logo que entrei?

– Por quê?... Queria ver uma coisa.

[...]

E tomei-lhe as mãos que estavam frias e trêmulas.

– Pois bem, eu lhe digo. Queria ver se ainda lembrava do nosso primeiro encontro, respondeu ela furtando o corpo ao meu abraço.

– Duvidava?... Não tinha razão; talvez fosse eu o que melhor guardasse essa lembrança.

[...]

Lúcia saiu um instante e voltou. Ou porque a minha memória se avivasse, ou porque a ausência desse gentil chapéu, que parecia fugir-lhe a cabeça, tão de leve a cingia, mutilasse a graciosa imagem que eu vira na tarde de minha chegada; o fato é que a aparição já desvanecida surgira de repente aos meus olhos.

– Agora lembro-me! Estou vendo-a como a vi da primeira vez!

– Como daquela vez não me verá mais nunca!

– O que lhe falta?

– Falta o que o senhor pensava e não tornará a pensar! Disse ela com a voz pungida por dor íntima.

Não compreendi então aquelas palavras, nem o tom com que foram proferidas” (José de Alencar, *Lucíola*. Rio: Livraria José Olympio Editora, 1957, p. 37-38).

Questão 4: Linha de pesquisa “Literatura, as demais artes e outras áreas do conhecimento”

Leia o seguinte fragmento do conto “Anos de chumbo”:

“Assim eu soube que era ele, o major, quem delegava ao capitão, meu pai, missões especiais que deveriam nos orgulhar, à minha mãe e a mim. Era uma tarefa dura e perigosa, porque ele enfrentava um inimigo traiçoeiro, e aqui não estávamos falando de soldadinhos de chumbo. Pelo que pude depreender, meu pai lidava com prisioneiros de guerra,

criminosos que tinham sangue de verdade nas mãos.”
BUARQUE, Chico. Anos de chumbo. In: _____. *Anos de chumbo e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p.160.

Considere o seguinte trecho da letra da canção “Cálice”:

“Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoa
Atordoadado eu permaneço atento
Na arquibancada pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa”

BUARQUE, Chico & GIL, Gilberto. Cálice. In: BUARQUE, Chico. *Letra e música 1*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.108.

Apresente uma reflexão sobre o conto “Anos de chumbo”, considerando a produção musical de Chico Buarque. Estabeleça um diálogo entre literatura e música, observando como elementos desse conto se relacionam com obras musicais do compositor produzidas durante o período da ditadura militar no Brasil.